

***O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso, e o Lugar dos que não Têm Lugar**

Paulo Ricardo Kralik Angelini

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo. O tempo. A espera. O relógio que corre em giros contrários. Um silêncio que grita e sangra. O romance *O retorno*, da portuguesa Dulce Maria Cardoso, traz o triste relato de Rui, um menino adolescente que narra a viagem de uma família decepada pela angústia e pelo medo, no processo de descolonização que atingiu mais de 500 mil pessoas que deixaram as ex-colônias e regressaram à Metrópole. Regressaram a um Portugal sem lugar para muitos deles. A narrativa de Dulce Maria Cardoso desconstrói a tão mitificada revolução de abril e expõe seus efeitos corrosivos. Somos apresentados a um Portugal desgovernado, que não sabe como lidar com seus homens e familiares que atuavam na África.

Movimento e migração definem a nossa humanidade, do ponto de vista social e histórico, afirma David Goldberg. Em Portugal, uma nação expansionista, receber de volta seus filhos desbravadores e os frutos da colonização é tarefa difícil. Este trabalho pretende fazer uma leitura de *O retorno* a partir da temática da descolonização, com base teórica alicerçada a partir de obras de Eduardo Lourenço e Stuart Hall, entre outros. Para Eduardo Lourenço, Portugal é uma nação-barca carregada de passado e de saudade. Portugal, uma potência expansionista, dos bravos guerreiros que viajavam pelo mundo em cavalos e em naus, levando o nome da fé cristã, varre, agora, para debaixo do tapete, toda uma geração sem lugar, sem espaço nem tempo.

Palavras-chave. Descolonização, literatura portuguesa contemporânea, identidade; migração; nação

Abstract. Time. Waiting. The clock that spins backwards. A silence that screams and bleeds. The novel, *The Return*, by Portuguese writer Dulce Maria Cardoso, brings us the sad story of Rui, an adolescent boy who narrates the journey of a family gripped by anguish and fear, during the process of decolonization that encompassed more than 500,000 people who left the former colonies and returned to the Metropolis. They returned to a Portugal that had no room for many of them. Dulce Maria Cardoso's narrative deconstructs the much mythologized revolution of April and exposes its corrosive effects. We are introduced to a runaway Portugal, which does not know how to deal with its men and relatives who had worked in Africa. Movement and migration define our humanity from a social and historical point of view, affirms David Golderbg. In Portugal, an expansionist nation, the return of those who had settled in Africa

is a challenging task. This paper intends to analyze The Return departing from a thematic of decolonization, with a theoretical basis grounded on the works of Eduardo Lourenço and Stuart Hall, among others. For Eduardo Lourenço, Portugal is a nation-boat loaded with a past and a yearning. Portugal—an expansionist power of brave warriors, who travelled the world on horses and ships, carrying the name of the Christian faith—now sweeps under the rug an entire generation without a place, space, or time.

Keywords. Decolonization, contemporary Portuguese literature, identity, migration, nation

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade.

—Silviano Santiago, *Uma Literatura nos Trópicos* (26)

Há um navio encalhado. Há um olhar perdido. Há sonhos partidos.

O dicionário não consegue dar conta da amplitude de significado que verbetes como *emigração* carregam. Há, contudo, palavras-chave que gritam sua importância na composição das tentativas de definição, como *movimento* e *espontaneidade*. Ambas, porém, são igualmente ocas na sua complexidade semântica, porque podemos relativizar o que de fato é movimento e o que de fato é espontâneo.

A lógica de um deslocamento migratório nos possibilita uma afirmativa. Sim, muitas vezes pode ser de livre e espontânea vontade a própria vontade de tentar outros mundos, outra vida, uma nova chance. O Brasil viveu, nas últimas décadas do século XX, uma perceptível onda de partidas: jovens que acreditavam no seu futuro longe de casa. O cinema brasileiro registrou essa temática num filme sintomático, bastante premiado: *Terra estrangeira*¹.

Os personagens do filme de Walter Salles fazem o caminho inverso da lógica expansionista lusitana e chegam à terra portuguesa em busca de alguma coisa não necessariamente sabida, talvez dinheiro, quiçá felicidade. O diretor afirma:

No caso de *Terra estrangeira*, no início havia apenas uma imagem: a de um casal à deriva, encalhado numa praia deserta como um navio emborcado na areia. [...] Pouco a pouco percebemos que essa imagem era um emblema do exílio. Não mais o exílio político dos anos de ditadura, mas um novo, econômico, que vem transformando o

Brasil dos anos noventa num país de emigração, pela primeira vez em quinhentos anos. Aqui surge a imagem da terra estrangeira como uma solução também idealizada, para a ausência de perspectiva, de auto-imagem, de identidade. (Salles 5)

Difícil seria pensar o quanto deste deslocamento de Alex e Paco, vividos pelos atores Fernanda Torres e Fernando Alves Pinto, é espontâneo, e o quanto faz parte de uma necessidade impreterível. “Tanto faz o lugar. Quanto mais o tempo passa, mais eu me sinto estrangeira” (Salles 18), diz a personagem Alex.

Um navio encalhado, um olhar perdido e a identidade no limbo.

O pensador Eduardo Lourenço, no texto “A nau de Ícaro ou o fim da emigração”, afirma sem grande novidade: “A emigração supõe que alguma coisa de melhor do que o que se deixa nos espera para nos dar a oportunidade de mudarmos de estado ou de funções” (*A nau de Ícaro* 45). Este era o desejo de Alex, de Paco, mas não o de Rui. O romance *O retorno*, da portuguesa Dulce Maria Cardoso, traz o triste relato de um adolescente, Rui, que narra a viagem de sua família decepada pela angústia e pelo medo, no processo de descolonização que atingiu mais de 500 mil pessoas que deixaram as ex-colônias Angola e Moçambique e regressaram à Metrópole. Regressaram a um Portugal sem lugar para muitos deles.

Rui, antes de ser arrancado de sua Angola, pensa nas deliciosas cerejas que as raparigas usam como brinco na metrópole: “Raparigas bonitas como só as da metrópole podem ser. As raparigas daqui não sabem como são as cerejas, dizem que são como pitangas”² (7).

O romance inicia num último almoço antes da partida, cerimonial simbólico carregado de silêncio e dúvida, em que o barulho do ventilador só não é mais alto do que o pensamento dos personagens que se apresentam. A primeira frase da obra é representativa desse fluxo de ideias que atormentam o jovem Rui: “Mas na metrópole há cerejas” (7), conjunção adversativa a inaugurar, tal como prece, um otimismo talvez sem lugar. A mãe de Rui, mulher com crises nervosas, procura buscar a segurança da rotina para fugir do medo da partida. Diz Rui: “A mãe fala como se hoje à noite não fôssemos apanhar o avião para a metrópole, como se amanhã pudéssemos comer as sobras da carne assada dentro do pão, no intervalo grande do liceu” (7). A irmã de Rui, Maria de Lurdes, a Milucha, tem alguns anos a mais e carrega características típicas de uma adolescente bonita com sonhos de futuro. Sonhos

desde sempre compartilhados por Rui, na esperança acalentada pelas promessas do pai, e que hoje repousam num vácuo onde flutuam o silêncio e a desesperança:

Apesar de ser o último dia que passamos aqui, nada parece assim tão diferente. [...] A única diferença é que estamos mais calados. Dantes falávamos do trabalho do pai, da escola, dos vizinhos, do aspirador que a mãe cobiçava nas revistas, do ar condicionado que o pai tinha prometido. [...] O pai prometia tudo para o ano que vem e quase nunca cumpria. Sabíamos disso mas ficávamos felizes com as promessas do pai, acho que nos bastava a ideia de que o futuro seria melhor. Antes de os tiros terem começado o futuro seria sempre melhor. Agora já não é assim e por isso já não temos assuntos para falar. Nem planos. O pai já não vai trabalhar, já não há escola e os vizinhos já se foram todos embora. (9)

O pai de Rui já não trabalha nem promete mais comprar o ar condicionado. Não há mais futuro. Há tiros e conflitos. O pai olha para o vazio e não larga as mãos do passado. Comprou *bidões* de gasolina para queimar tudo: casa, móveis, cachorra de estimação, história. O fogo para destruir o que serão obrigados a abandonar. Pior que deixar tudo o que se conseguiu, é saber que esse tudo pode parar nas mãos dos pretos. Por isso, a vida construída em Angola será incendiada, eliminada, expurgada.

Há ainda um tio, irmão da mãe, pouco presente no enredo, mas muito frequente no pensamento do narrador. O tio Zé não parte, fica, pois acredita na construção de uma nova nação angolana. “O pai ri-se sempre que o tio Zé fala na grandiosa nação que se erguerá pela vontade de um povo oprimido durante cinco séculos” (8).

O retrato da família está emoldurado na parede já embolorada da descolonização. Há o barulho do ventilador. E quatro seres que engolem a carne assada e sem gosto – a mãe nunca teve dotes de cozinheira –, mirando com tristeza a incerteza de um futuro que, convenhamos, já trazia sim algumas certezas, com uma quase dilacerante obviedade. Abandonar tudo o que se tem também é abandonar-se. Mas na metrópole há cerejas.

Este retrato da família, sem sorrisos e com pouco afeto, contraditoriamente enfeita uma das fases mais festejadas da recente história portuguesa, aquele período que compreende o fim de uma ditadura avassaladora e o início dos novos ares de uma revolução, como afirma Eduardo Lourenço, mais *sonhada* do que *vivida*.

Por ser tão sonhada, talvez haja tanto espaço para a frustração: o real quase nunca se equipara ao material trazido do bojo do campo onírico.

Eduardo Lourenço, no portentoso artigo “Psicanálise mítica do destino português”, afirma que a grandiosidade portuguesa, construída fora de suas próprias linhas europeias, foi desde sempre uma ficção: “uma grandeza que subterraneamente se sabe uma ficção ou, se se prefere, de uma ficção que se sabe desmedida mas precisa de ser clamada à face do mundo menos para que a ouçam do que para acreditar em si mesma” (*A nau de Ícaro* 26). Há uma dificuldade latente de *ser* em função do *ter sido*, um gigantesco *ter sido* absolutamente fora de si mesmo. Lourenço complementa: “Nós éramos grandes, [...] mas éramos grandes *longe*, fora de nós, no Oriente de sonho ou num Ocidente impensado ainda” (*A nau de Ícaro* 26). A ambivalência entre nação grande e pequena é metáfora também para o cidadão português, que já nasce com sintomas de grandiosidade, de acordo com o pensador lusitano, sem nunca de fato ter sido. “Portugal não é um país pequeno, era o que estava escrito no mapa da escola, Portugal não é um país pequeno, é um império do Minho a Timor” (83), nos avisa Rui.

O Portugal que Lourenço nos desenha buscou em outros continentes concretizar uma expansão que se quis divina. Os navegadores portugueses não eram simples homens do mar, mas ilustres e nobres cavaleiros que partiam em busca da terra e da transformação do espírito do outro: o bárbaro que seria colonizado, catequisado. A força da fé cristã serviu de balaústre na construção desta grande casa portuguesa, com gigantesco avarandado virado para o mar. Foi desde sempre o mar.

O sonho imperialista português desmancha-se aos poucos, com a perda do gigante da América do Sul e de cada uma das colônias africanas, estas um século e meio depois. O Portugal que Lourenço nos esboça é aquele especificamente mergulhado numa ditadura opressiva de quase cinco décadas que se liberta das cordas, mas não sabe se deve guardá-las ou deitá-las fora. Para onde se varre a vergonha de não ser? Para onde se esconde o medo de não ter sido? Bocas amordaçadas, olhar desconfiado para o futuro, uma vez que é só de passado, nesta *barca repleta de passado*, que se alimenta. Guerras entre iguais, guerras sem sentido, toda uma literatura que constrói personagens que gritam o desespero de uma guerra inútil. Afirma Eduardo Lourenço:

treze anos de guerra colonial, derrocada abrupta desse império, pareciam acontecimentos destinados não só a criar na nossa consciência um traumatismo profundo – análogo ao da perda da independência – mas a um repensamento em profundidade da totalidade da nossa imagem perante nós mesmos e no espelho do mundo. (*A nau de Ícaro* 46)

Contudo, de acordo com o crítico português, a amputação do território teve ares pouco traumáticos aos patrícios, uma vez que “tudo pareceu-nos passar-se como se jamais tivéssemos tido essa famigerada existência imperial e em nada nos afetasse o regresso aos estreitos e morenos muros da pequena casa lusitana” (43).

É este o ponto que nos interessa: o regresso. *O retorno*. Personagens que nasceram na África portuguesa, como Rui e Milucha, que nunca colocaram o pé em Portugal, mas que ora regressam, como se de lá tivessem partido.

Rui nasce e cresce em outra terra, uma terra que também nunca foi completamente dele. Amadurece no decorrer da narrativa e, quanto mais fincado estiver em Lisboa, menos português irá se sentir. Contudo, quando ainda em Angola, reproduzia o discurso do preconceito das vizinhas:

D. Glória, os pretos têm outra constituição e não há neste inferno nada que lhes faça mal, temos de ter cuidado com os nossos, avisavam as vizinhas. A culpada de a mãe ser assim é esta terra. Sempre houve duas terras para a mãe, esta que a adoceceu e a metrópole, onde tudo é diferente e onde a mãe também era diferente. (11)

A terra africana, alimentada por uma ancestralidade mítica, teria contaminado a mãe com uma doença nervosa, talvez uma esquizofrenia, mas que ganha ares de feitiço demoníaco³.

Rui vê na ausência e no desleixo dos soldados portugueses, antes sempre alinhados e presentes pelas ruas, o sinal do abandono. Partirão, naquela noite, mas o personagem narrador mergulhará numa infundável série de reminiscências que comporão um pouco de sua vida em terra angolana. Os dias no liceu, os romances com as miúdas, a paixão por Brigitte Bardot... Embora a mãe insista em pensar no dia seguinte, o filho é taxativo: “Ainda que gostemos de nos enganar dizendo que voltamos em breve, sabemos que nunca mais estaremos aqui. Angola acabou. A nossa Angola acabou” (14).

Sobre o conturbado processo de descolonização, Eduardo Lourenço discorre:

Exemplar como revolução metropolitana que derruba quatro décadas de poder autoritário e semitotalitário com flores no cano de espingardas, a revolução de Abril não eclode com o propósito consciente de pôr um termo absoluto à imagem de Portugal colonizador exemplar mas para dentro dela encontrar uma solução à portuguesa, igualmente exemplar de descolonização. (A nau de Ícaro 49)

A solução encontrada foi trazer de volta toda uma gente que acreditou fazer parte deste Portugal, mesmo longe da Europa. A jornalista Rita Garcia, em *SOS Angola: os dias de ponte aérea*, recupera este momento histórico e afirma:

Entre maio e novembro de 1975, chegaram a Lisboa 173.982 portugueses vindos de Angola, na maior operação de evacuação alguma vez realizada em Portugal – uma ponte aérea constituída por 905 voos de companhias nacionais e estrangeiras, que fez desembarcar no aeroporto de Portela milhares de famílias de refugiados, incapazes de suportar a instabilidade provocada pelo conflito armado entre os chamados movimentos de libertação. (Garcia 9)

A servir de argumentação da tese de Eduardo Lourenço de que os portugueses fincados na Europa pouco sabiam sobre os que estavam em terras africanas, ele afirma:

Quanto ao povo português – que a sério nada conhecia do fabuloso e mágico império – só tomará realmente consciência dos acontecimentos quando após as independências de Angola e Moçambique centenas de milhares de retornados invadem de súbito a pacífica e bonacheirona terra lusitana.... (O labirinto da saudade 63)

Homens e mulheres que tentam colocar nas malas uma vida inteira construída. Revisitemos a expressão, cunhada por Silviano Santiago em “O entrelugar do discurso latino-americano”, *ignorância mútua*, quando o teórico brasileiro, na construção de seu conceito de entre-lugar, comenta sobre o completo desconhecimento de duas civilizações distintas (a colonialista e a colonizada) que, pós-colonialismo, iniciam um processo de aproximação. Esta ignorância mútua não se dá entre duas civilizações, no caso de *O retorno*, mas evidentemente entre dois mundos distintos de uma – supostamente – mesma nação. O olhar crítico de Eduardo Lourenço tem eco em um personagem coadjuvante de *O retorno*, um senhor com ares de Velho de Restelo. Profético e pessimista, antevê tempos de sangue e violência:

O Sr. Manuel insistia, olhe que os revolucionários venderam-nos a esta pretalhada [...] O Sr. Manuel odiava a revolução e os revolucionários, queria dizer mal da revolução tão alto e tão depressa que se engasgava, [...] o pai sorria, não diga disparates, homem, isto vai ficar melhor, vamos deixar de ser portugueses de segunda. (29)

Os portugueses de segunda aos poucos percebem que já não cabem mais naquela terra. Sr. Manuel continua: “os comunistas da metrópole querem-nos

fora daqui e vão conseguir, já desarmaram os nossos soldados, um branco não pode ter arma e um preto tem direito a duas, corja de traidores e vendidos” (29).

O pai de Rui, entretanto, mantém-se firme em suas convicções: “Durante algum tempo, o pai continuou a acreditar que 1975 ia ser o melhor ano das nossas vidas, vai correr tudo bem, vamos construir uma nação, pretos, mulatos, brancos, todos juntos vamos construir a nação mais rica do mundo” (33). O otimismo paterno não ganha eco nem no mundo ingênuo do adolescente Rui, que pensa, mas não diz: “o pai não conhece nada do mundo e não pode saber se há ou não outra terra como esta” (33).

Conforme o Sr. Manuel havia previsto, a tensão e a violência tomam conta de Angola: “os pretos não começaram logo logo a matar brancos a oito mas quando lhe tomaram o gosto não quiseram outra coisa e os brancos ainda foram embora mais depressa. A cidade foi ficando mais vazia de dia para dia” (33). Mas o pai ainda resiste: “Se o pai pudesse amarrar os brancos para não se irem embora tinha-o feito, às vezes o pai exaltava-se, não se podem ir embora assim, ao menos deem luta, mas os brancos só queriam correr para o aeroporto” (33).

A fuga é a única possibilidade. Fugir para um lugar onde muitos nunca estiveram: “Chegou a hora de fugir para dentro de casa, de nos barricarmos dentro dela, de construir com constância o país habitável de todos, sem esperar de um eterno lá-fora ou lá-longe a solução que, como no apólogo célebre, está enterrada no nosso exíguo quintal” (*A nau de Ícaro* 51), diz Lourenço.

Porém, o retorno não é nada pacífico. Uma multidão de desconhecidos invade as ruas das cidades portuguesas. Rui, sua mãe e sua irmã chegam a uma Lisboa diferente da dos livros. Sem cerejas, sem beleza. “Então a metrópole afinal é isto” (65), divaga o narrador, em frase única e melancólica a ocupar uma página, frente e verso. O pai, nos últimos instantes antes do voo, acabou envolvendo-se com guerrilheiros angolanos e foi por eles sequestrado⁴. Acrescido ao natural medo e expectativa da chegada a uma terra desconhecida para os filhos e já estranha para a mãe, há essa ausência silenciosa do provedor.

São jogados em um quarto de hotel cinco estrelas, em Estoril, litoral da Grande Lisboa. Vivem à espera do pai e de um rumo a suas próprias vidas interrompidas. Rapidamente, os grupos são criados: os de cá e os de lá. Entre eles, a tensão da convivência forçada e o descaso das autoridades para tentar solucionar a crise. A narrativa de Dulce Maria Cardoso desconstrói a tão

mitificada revolução de abril e expõe seus efeitos corrosivos, explorando o preconceito sentido na pele branquíssima dessa família agora considerada africana. Somos apresentados a um Portugal desgovernado, que não sabe como lidar com seus homens e familiares que atuavam na África.

Movimento e migração definem a nossa humanidade, do ponto de vista social e histórico, afirma David Goldberg, em *Multiculturalism: A Critical Reader*. Em Portugal, uma nação expansionista, receber de volta seus filhos desbravadores e os frutos da colonização é tarefa difícil, que envolve muitas perdas e danos. Uma multidão de homens que participou de uma guerra muitas vezes considerada sem sentido, que lutou e questionou os motivos da luta, que defendeu uma ideologia que não era a sua, agora retorna com seus filhos, esposas, pessoas que nasceram nas colônias e acabam sendo o ‘outro’, o ‘diferente’.

Zygmunt Bauman, em *Comunidade*, discorre sobre esse lugar idílico em que os indivíduos sentem-se sintonizados, quando pertencentes a um mesmo grupo, a um mesmo ideal, mas muitas vezes às custas da perda da liberdade de expressão, da homogeneização do pensamento, da massificação do comportamento. Compartilhar de uma mesma nacionalidade, ou melhor, de um mesmo sentimento de nação, segundo Bauman, é o resultado de um poderoso instrumento de mobilização ideológica, no qual, a partir da busca de raízes comuns, se é capaz de produzir uma lealdade e uma obediência patrióticas. O sociólogo polonês afirma: “Na prática, significava homogeneidade nacional – e dentro das fronteiras do Estado só havia lugar para uma língua, uma cultura, uma memória histórica e um sentimento patriótico” (Bauman 84).

Mesmo a língua é diferente. É a mesma, mas é diferente. Rui percebe-se envolto em um mundo linguístico distinto, acentuado nas aulas do liceu, em que o seu sotaque e, mais metaforicamente, a sua própria voz não é aceita. O bom aluno em terras angolanas transforma-se em um rebelde com causa, sendo expulso, não sem certo orgulho, várias vezes da sala de aula.

Impressiona a força do discurso da gerente do hotel em Estoril, na chegada dos retornados⁵, sem circunstância, mas com muita pompa, a trair-se, a todo instante, na complexa estigmatização dos novos hóspedes:

Sei perfeitamente que não viviam na selva, longe de mim chamar selvagem a quem quer que seja, o que se está a passar neste país também não é exemplo para ninguém. Aqui no hotel há regras que têm de ser cumpridas, sem regras não nos entendemos, é só isso que quero dizer, seja num hotel seja num país. (69)

É a chave de leitura para a interpretação autorizada da construção metonímica deste hotel, representativo da confusa convivência entre os da metrópole e os das ex-colônias. Um microcosmo em que há o luxo do passado, em decadência pelo uso do presente. Significativa é a seguinte passagem de Bauman, a respeito da dificuldade de integração dos grupos das colônias: “não havia lugar para a comunidade, e menos ainda para uma comunidade autônoma e capaz de autogoverno” (85). De repente, todo o império português cabe, aos olhos de Rui, naquela sala: “Estavam lá retornados de todos os cantos do império, o império estava ali, naquela sala, um império cansado, a precisar de casa e de comida, um império derrotado e humilhado, um império de que ninguém queria saber” (86).

O recado da gerente de hotel é o recado do governo, repleto de incertezas pelos tempos novos, mas também de ameaças veladas. Rui, mãe e Milucha são postos em um quarto com vista para o mar, detalhe simbólico a acenar com a presença do elemento mais significativo do tempo de ouro dos descobrimentos. Mas, também ponto de fuga: “Com o mar à frente o resto do mundo fica mais perto” (108), diz Rui. Trazem junto toda uma vida que teve de caber em três malas, mais vinte contos. Os retornados experienciam um nacionalismo tão nocivo quanto aquele que este combatia, do antigo regime, e que propunha uma educação e uma conversão aos moldes de quem ali já estava. É o olhar censor do herói fundador, do português de primeira para o português de segunda: “Eles’ se orgulham (de fato se definem por isso) de ter sido desde sempre o que são, pelo menos desde o antigo ato da miraculosa criação realizada pelo herói fundador da nação” (Bauman 87), diz Bauman, e portanto, “Até mesmo o mais zeloso e diligente dos assimilados voluntários carrega consigo na ‘comunidade de destino’ a marca de suas origens alienígenas, estigma que nenhum juramento de lealdade pode apagar” (Bauman 87).

Marca que sente na pele Rui: “Os de cá ficam furiosos conosco mas não queremos saber, de qualquer maneira os de cá não gostam de nós” (102). Bauman vai ao encontro do personagem de Dulce Maria Cardoso, quando afirma que “a perspectiva aberta pelo projeto de construção da nação para as comunidades étnicas era uma escolha difícil: assimilar ou perecer” (Bauman 85). Para o crítico, ambas carregavam uma mesma consequência, a saber:

A primeira significava a aniquilação da diferença, e a segunda a aniquilação do diferente, mas nenhuma delas deixava espaço para a sobrevivência da comunidade. O propósito das pressões pela assimilação era despojar os ‘outros’ de sua ‘alteridade’: torná-los indistinguíveis do resto do corpo da nação, digeri-los completamente e

dissolver sua idiossincrasia no composto uniforme da identidade nacional. (Bauman 85)

Silviano Santiago afirma o mesmo, quando analisa o contexto latino-americano:

A América transforma-se em cópia, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas na sua origem, apagada completamente pelos conquistadores. Pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da origem, o fenômeno de duplicação se estabelece como a única regra válida de civilização. (Santiago 14)

A padronização de comportamento exigida pela senhora gerente do hotel, o pouco sutil comentário, que reforça o estereótipo em sua negativa “Sei perfeitamente que não viviam na selva”, pressupõe que todo um grupo populacional, muitos dos quais nascidos e criados sob os efeitos de uma cultura diferenciada, constitui-se uma comunidade à deriva, inserida num *entre-lugar*. A sublinha da diferença era ressaltada em todos os sítios. O olhar do português europeu era sempre censor frente ao retornado, ao homem que tinha fama de preguiçoso e à mulher que se vestia de forma diferente – porque “os rapazes de cá não querem namorar com as retornadas” (143) e as meninas “não querem ser amigas das retornadas para não serem mal faladas” (143). Frutos da mesma nação, os retornados estariam contaminados pelo convívio com o negro africano, ainda que muitos afirmassem que estes eram explorados por aqueles. Silviano Santiago completa:

O renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos mestiços, cuja principal característica é o fato de que a noção de unidade sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone – uma espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura do único caminho possível que poderia levar à descolonização. (Santiago 15)

Um possível caminho de integração não é trilhado nem pela escola. No colégio, os retornados deveriam formar filas diferentes das dos da metrópole, para revolta de Rui.

A puta da professora, um dos retornados que responda, como se não tivéssemos nome, como se já não bastasse ter-nos arrumado numa fila só para retornados. A puta a justificar-se, os retornados estão mais atrasados, sim, sim, devemos estar, devemos ter ficado estúpidos como os pretos, e os de cá devem ter aprendido muito depois da merda da revolução. (140)

O tempo passa, as promessas do governo não se cumprem, e os retornados seguem habitando o hotel, entre reuniões revoltosas e caminhadas a esmo pelos corredores. Outra vez Bauman:

A escolha de seu próprio destino nem sempre foi legada às comunidades. A decisão de quem merecia a assimilação e de quem não a merecia (e, inversamente, de quem deveria ser excluído e impedido de contaminar o corpo nacional e solapar a soberania do Estado-nação) corria por conta da maioria dominante, não da minoria dominada. (Bauman 86)

Neste sentido, o sociólogo polonês completa: “dominar significa, mais que qualquer coisa, a liberdade de mudar de decisão quando esta deixa de ser satisfatória; ser fonte de incerteza constante na condição do dominado” (Bauman 86).

É o que ocorre com os desmandos na situação dos retornados, sempre à espera de um lugar definitivo para morar, ou de algum cumprimento das tantas promessas feitas. Além da inexistência de uma política de efetivo acolhimento, a ausência do pai potencializa a dor e o abandono e torna-se uma *presença* diária para a família. A mãe, cada vez mais abalada dos nervos, constantemente olha para o espaço vazio deixado pelo marido e com ele dialoga. Aliás, a imagem do pai também é metáfora deste Portugal gigante, mas que já não tem lugar. Ele, de acordo com o narrador, “mede quase dois metros e pesa mais de cem quilos, onde o pai está tudo parece mais pequeno” (22). O pai ausente, a nação ausente. O pai que um dia chegou a ter onze caminhões, trabalhando de sol a sol, teve toda a sua vida encaixotada em três malas.

Stuart Hall, no texto *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*, postula a estreita relação entre a ‘questão multicultural e o fenômeno do pós-colonial’, especialmente por perceber que a problemática deste último ainda não foi, de modo algum, resolvida: os conflitos vividos *durante* o colonialismo persistem no *depois*. Se havia a desigualdade e a exploração num passado imperialista, nos dias atuais essas mesmas relações são *reencenadas*. Na referida obra, o teórico jamaicano cita a problemática das ex-colônias, colocando a questão do imperialismo como entrave para o seu desenvolvimento: “Pensemos que [...] os contínuos problemas de legitimidade e estabilidade política no Afeganistão, Namíbia, Moçambique ou Angola têm origens claras em sua recente história imperial” (Hall 54).

Rui cresce, assume a função paterna, e aos poucos sente o quarto de hotel como espaço íntimo, como casa. “Um quarto pode ser uma casa e este quarto e

esta varanda de onde se vê o mar é a nossa casa” (163). Quando amadurece, ocorre outro retorno, desta vez o do pai. Como se o pai esperasse o momento exato do filho tornar-se um homem. A alegria ganha contornos evidentes naquele quarto de hotel. Juntos, os quatro irão finalmente construir um roteiro de adaptação, um plano B para fugir dos maus tratos oferecidos pelo governo revolucionário. O pai cedo observa que não há grandes mudanças no sistema antes e pós-revolução, compactuando com o que nos diz Bauman e também Hall, que afirma:

Nos primórdios do dismantelamento dos antigos impérios, vários novos Estados-nação, multiétnicos e multiculturais, foram criados. Entretanto, estes continuam a refletir suas condições anteriores de existência sob colonialismo. Esses novos estados são relativamente frágeis, do ponto de vista econômico e militar. (Hall 53)

A fragilidade exposta de uma metrópole esquizofrênica. “Tudo o que diziam da metrópole é mentira” (234), afirma, não sem raiva, o narrador. Ao chegar, Rui teve uma péssima impressão que nunca foi alterada. Naquele dia, pensou:

Não, a metrópole não pode ser como hoje a vimos. A prova de que Portugal não é um país pequeno está no mapa que mostrava o quanto o império apanhava da Europa, um império tão grande como daqui até a Rússia não pode ter uma metrópole com ruas onde mal cabe um carro, não pode ter pessoas tristes e feias, nem velhos desdentados nas janelas tão sem serventia que nem para a morte têm interesse. (84)

Os velhos, as mulheres, os homens, as crianças da metrópole assistem à chegada desses seres que ganham uma invisibilidade. Como Eduardo Lourenço afirma, brincando com o prosaico nome do aeroporto lisboeta:

Estranho império terá sido o nosso, e mais estranho povo para que, tendo, de súbito, parecido ter perdido a alma da sua alma, pareça sobretudo ter ficado chocado com a invasão-enxurrada das pedras vivas dessa imperialidade, amontoadas ao acaso no Aeroporto da Portela (pequena porta, portaló de espécie particular para a recolha do lixo imperial). (O labirinto da saudade 43)

As pedras vivas tornam-se muros, entraves na vida dos portugueses metropolitanos. De fato, é o lixo imperial. Uma convivência impossível, a cada dia acentuada: “Os de cá gostam cada vez menos de nós, andamos a explorar os pretos e agora queremos roubar-lhes os empregos além de estarmos a

destruir-lhes os hotéis, a destruir a linda metrópole que nunca mais vai ser a mesma” (189), diz o narrador.

Rui também, diariamente, vai construindo sua imagem do português europeu, tão distante da gente da metrópole que antes visualizava, muito longe daquelas raparigas sorridentes com cereja a servirem de brincos. Em seus depoimentos, é crescente a estereotipização: “Os de cá são gente esquisita que nos topa à légua” (109), ou “os de cá sempre a ouvir canções revolucionárias, são canções tão más que nem servem para dançar” (120), ou ainda:

Deve ser por isso que os de cá não se riem, quem é que pode ter vontade de rir quando sabe que vai sangrar os lábios [...]. Nas fotografias, o inverno era bonito, com neve nas beirais dos telhados [...]. Afinal o frio não é nada disso, é gente encolhida a esfregar as mãos, gente a bater com os pés no chão para os aquecer, gente triste com camisolas de borboto. (142)

Para fugir da invisibilidade, Rui indaga a alguns portugueses com quem convive: “Porque é que vocês não gostam de nós, não porque queira saber a resposta, pergunto por perguntar” (131).

Outra vez a lucidez pungente de Eduardo Lourenço pode ajudar a responder, quando afirma:

A contra-imagem de Portugal de que necessitamos para nos vermos tais quais somos sofreu, desde as primeiras semanas eufóricas e naturais após a revolução, uma distorção interna de que possivelmente nunca mais se curará. A essa primeira distorção irá juntar-se um elemento, cujo peso e influxo, primeiro, inaparentes, em seguida, ramificando-se e encontrando eco no subconsciente de um povo que parecia ter aceiteado a descolonização como um fato consumado, acabou por se transformar num autêntico cancro, de difícil cura. (A nau de Ícaro 61)

As metástases estão espalhadas, e os sonhos já não têm lugar – “a gloriosa manhã de Abril tinha sido só o princípio, os quarenta e oito anos da noite mais infame tinham chegado ao fim e agora faltava cumprir Abril e cumprir Abril era descolonizar, democratizar e desenvolver” (46) – num país em desordem – “neste país onde já não se sabe quem manda” (254). Paulatinamente, o medo é substituído por uma sensação rançosa, um não pertencimento que se transforma numa imagem alterada de si próprio. Também os portugueses andam a lamentar-se, a reclamar do Império, de Salazar, do fato de serem portugueses; “deve ser chato viver com vergonha de uma coisa que não se pode mudar” (244), avisa o narrador.

Rui entende-se com si próprio. Lembra-se dos conselhos da mãe quando em Angola “esta terra não nos pertence enquanto não lhe conhecermos o coração, enquanto não lhe conhecermos o coração esta terra não guardará as nossas marcas nem reconhecerá os nossos passos” (151).

É assim que o jovem Rui constrói seu próprio conceito de nação, e finalmente sente-se parte. Mergulhando no coração, ainda que aparentemente seco e cheio de contradições da metrópole. Rui começa a ter rompantes de esperança, palavra até então proibida no círculo daquelas pessoas. E a esperança vem, de novo, pelo mar, uma vez que ele “continua a dizer-me que o futuro pode ser onde se quiser” (266), afirma Rui.

E o futuro pode ser também ali, em Lisboa. Partirão do hotel, terão outra vez sonhos de construir, a partir do cimento, uma nova vida. Rui vai ao topo do hotel: “Amanhã já não estou mais aqui. Parece impossível. Parece impossível que o dia de deixar o hotel tenha chegado e que eu tenha medo de sermos outra vez uma família com uma casa” (267).

Ali, minúsculo embaixo do teto azul, transcende-se, engrandece-se e acredita. Embalemo-nos nas lindas palavras finais de Dulce Maria Cardoso:

Um avião risca o céu a direito. Silencioso. Como um giz preguiçoso nas mãos invisíveis de deus. Noutro tempo ter-lhe-ia respondido daqui de baixo. Talvez ainda responda. Noutro tempo ter-lhe-ia escrito, talvez ainda escreva, em letras bem grandes a todo o comprimento do terraço para que não possa deixar de ver-me, eu estive aqui. Eu estive aqui. (267)

A marca de Rui seria vista em qualquer lugar do céu. A marca desses que atravessam oceanos atrás de sonhos ou são empurrados pelo destino ao abismo da migração. Eduardo Lourenço chama a atenção para o navio encalhado no cais de Lisboa, imagem que nos remete ao navio da *Terra Estrangeira* de Alex, de Paco, e também de Rui, de Milucha, e de tantos Joãos e Marias:

Rei morto, rei posto, mitologia colonial e colonialista defunta, nova mitologia nacionalista se começa a reformular para que a imagem mítica caduca, em que nos revíamos com complacência, pudesse servir de núcleo e alimentar o projeto vital, histórico e político de um povo, de súbito reduzido à estreita faixa atlântica que nunca nos bastou, mas que é agora o nosso navio de regresso, encalhado à força na barra do Tejo. (O labirinto da saudade 49).

Há um navio encalhado. Há um olhar perdido. Há sonhos partidos.

Notes

¹ *Terra Estrangeira* (1995) foi premiado na Itália (Mostra Internazionale del Cinema d'Essai), França (Vencedor do Grand Prix do Entrevues - Festival International du Film Belfor) e no Brasil (Associação Paulista de Críticos de Arte, entre outros).

² Todas as referências à obra *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso, dizem respeito à edição portuguesa (Lisboa: Tinta da China, 2012. 2ª ed) e serão identificadas apenas com o número da página.

³ “O pai nunca desistiu de tentar resgatá-la dos demônios que a faziam esperar e gritar, que a faziam querer pegar em facas e ameaçar que nos matava. Os médicos diziam que eram crises dos nervos e da cabeça fraca mas afinal a doença da sua mulher não é coisa de médicos, disse um dia um dos porteiros do hospital” (157).

⁴ “Nunca hei-de contar à mãe nem à minha irmã das mãos atadas do pai atrás das costas, nem do olhar aflito ao entrar para o jipe” (81-82).

⁵ “Agora somos retornados. Não sabemos bem o que é ser retornado mas nós somos isso. Nós e todos os que estão a chegar de lá” (77).

Obras Citadas

- Anderson, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Print.
- Bauman, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Print.
- Cardoso, Dulce Maria. *O retorno*. Lisboa: Tinta da China, 2012. 2ª ed. Print.
- Garcia, Rita. *SOS Angola: os dias da ponte aérea*. Alfragide: Oficina do Livro, 2011. Print.
- Goldberg, David. *Multiculturalism. A Critical Reader*, ed. David Theo Goldberg, 296-324. Malden, Mass.: Blackwell. Taylor, Charles. 1994. Print.
- Hall, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Print.
- Lourenço, Eduardo. *A nau de Ícaro e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Print.
- . *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Gradiva, 2001. 2ª ed. Print.
- Salles, Walter. *Terra estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Print.
- Santiago, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Print.
- Smith, Anthony. *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997. Print.

Paulo Ricardo Kralik Angelini possui graduação em Letras (UFRGS) e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (PUCRS). É doutor em literaturas em língua portuguesa (UFRGS, com estágio de doutoramento na Universidade de Lisboa), professor adjunto da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde também atua no Programa de Pós-Graduação, pesquisando em especial a literatura portuguesa contemporânea (século XXI). É coordenador do departamento de Estudos Literários e do Núcleo de Estudos Lusófonos na mesma faculdade. É líder do grupo de pesquisa ‘Cartografias Narrativas em Língua Portuguesa: redes e enredos de subjetividade’, com atuação nos estudos de literatura em língua portuguesa e na criação literária.